

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO



UNILA

Universidade Federal
da Integração
Latino-Americana

MINIMALISMO: PINTURA-SUPORTE-ESPAÇO - O PAPEL DA ARTE NA EDUCAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE TRANSFORMAR A PERCEPÇÃO DE SI NO ESPAÇO E DO ESPAÇO EM LUGAR

Giovana Spoladore Amaral¹
Mauricio Ferreira de Oliveira²

Resumo: O presente trabalho expõe as contribuições do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID-ARTE) no processo de formação estética e cidadã de alunos do primeiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Professora Roseli PiottoRoehrig - Londrina (PR), no segundo semestre de 2013. A partir de uma problematização puramente estética, voltada para a arte abstrata, propôs-se nessa experiência-aula, como processo/resultado, a apreensão dos elementos que estruturam e organizam as artes visuais, assim como a aplicabilidade destes elementos no espaço de inserção do aluno, possibilitando que os mesmos se reconhecessem como criadores e produtores de trabalhos em artes visuais, e que esses trabalhos contribuíssem afirmativamente para a melhoria do espaço coletivo.

Palavras-chave: espaço; pintura minimalista; suporte; ação coletiva; PIBID.

Introdução

O conhecimento produzido nas artes visuais se origina de um processo de produção e reflexão estética sobre as imagens visuais, o que implica em um envolvimento cognitivo da ação perceptível e sensível entre o indivíduo e as formas dessas imagens. A produção de imagens, principalmente daquelas que refletem algum tipo de relação estética com o mundo, revela a necessidade de construção e vivências de referenciais imagéticos no processo de formação educacional deste olhar estético. Essa processualidade construtiva é necessária, na medida em que o próprio princípio do ensino de Arte na escola volta-se para a natureza cognitiva do olhar, ouvir e sentir. De acordo com Ferraz e Fusari (2010), o ensino de Arte no ambiente escolar corresponde a este educar, o modo de ver e observar o mundo, um importante momento na construção da identidade e consciência do aluno como ser participativo-produtivo em seu universo social e cultural.

A partir deste princípio, foram estabelecidos os objetivos de estudo e aplicação desta experiência-aula. A intenção do trabalho voltou-se para os alunos e a sua atuação no espaço escolar, especificamente como produtores deste espaço, seja de elementos afirmativos (como cartazes de estudos, interferências nas paredes, na conservação do espaço) ou negativos

¹Giovana Spoladore Amaral - Graduanda em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), professora-bolsista do PIBID-ARTE 2013/UEL no colégio Estadual Professora Roseli PiottoRoehrig. E-mail gispoladore13@gmail.com

²Mauricio Ferreira de Oliveira - Graduando em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), professor-bolsista do PIBID-ARTE 2009/UEL no colégio Estadual Professora Roseli PiottoRoehrig. E-mail Mah-luko@hotmail.com

(pichações com corretivos à base de água, ou até mesmo spray). A intenção era que juntos, em debates gerados em aula, problematizássemos o espaço físico do colégio e interferíssemos sobre o mesmo. Logo, surgiu como tema a depredação das paredes, principalmente as pichações realizadas pelos próprios alunos no cotidiano de aula. Elencaram duas paredes, a partir daquilo que apontavam como as mais “pichadas” do colégio.

Desta maneira, somente duas das paredes do colégio receberiam a ação pictórica. Não se propôs utilizar a pintura como subterfúgio para a manutenção da ordem, mas sim a parede como suporte para novos entendimentos de pintura. E, ainda, por se tratar de uma pintura coletiva, ampliar o entendimento de que a escola somos nós e, se o espaço é uma construção humana, os alunos precisam experimentá-la. Desta forma, foi tema das aulas que os alunos passassem a se relacionar com o espaço cotidiano como parte significativa de sua existência, ou mais, que permitissem através de uma reorientação, ou um olhar construtivo, uma reconstrução de sua própria consciência de espaço. O ato de visualizar o ambiente em que estudam tornou-se consequência dos exercícios propostos pelo ensino de Arte. Já não é olhar somente para quadros ou esculturas, mas alterar a própria constatação do espaço em que se encontram cotidianamente. Instigou-se que olhassem as relações entre forma e linha nas próprias paredes e corrimãos das escadas, uma vez que as cores e texturas estão em todos os objetos ali instalados. A partir deste ponto, foram estimuladas as reflexões voltadas às ações que alteram o espaço da escola.

1465

Os alunos se colocaram a falar do espaço físico do colégio através de suas percepções. Alguns apontaram a depredação das paredes como algo negativo para o prédio em que estudam. Os próprios agentes de depredação foram questionados pelos outros de seu meio (muitos deles estavam participando desta ação conscientizadora). Transferi-los para os muros foi levá-los próximos ao local que reclamavam para ser conservado e para que pudessem atuar sobre ele.

Pensando uma proposta e uma metodologia de ensino

Visto a forma como abordou-se o tema, a intenção das atividades desenvolvidas na proposta-aula se desdobraram para os conceitos do Abstracionismo e de correntes Minimalistas, subsidiando com seus repertórios a construção do pensamento estético para a interferência coletiva no ambiente escolar. O jogo entre figura-fundo, cor e suas intensidades luminosas foi enfatizado durante os debates, nas retomadas de conteúdos e nos exercícios coletivos.

A opção pelo minimalismo³, como período orientador dos debates das aulas, deu-se pelo fato desta tendência (ou movimento) em Arte primar por uma redução da imagem à elementos básicos, referenciais visuais puros – concatenando com a abordagem proposta no projeto de aula. Procurou-se assim eliminar narrativas, estabelecer entre a criação e a interferência apenas uma reflexão formal. Nesta proposta, elencou-se como eixos encadeadores de debate, os artistas Sol LeWitt e Alfredo Volpi. A escolha de ambos se deu não por suas respectivas adesões à movimentos, mas devido à proposta dos artistas em buscar uma pureza da forma, atribuir a pintura a sua qualidade de cor⁴.



Painel finalizado. Pintura concluída em uma das paredes de entrada do refeitório do colégio.



Alunos lixando a parede para neutralizar os estênceis e pichações feitos na parede.

1466

Respeitada a diferença contextual e conceitual que envolve o trabalho destes artistas, expandiu-se nas abordagens contextuais o diálogo com a própria linguagem que se tinha como meta na proposta: a pintura mural. Para tal, a aula expositiva versou sobre essa linguagem e seus desdobramentos estilísticos e discursivos ao longo da história da arte ocidental - afrescos romanos, mosaicos bizantinos, afrescos renascentistas, muralismo mexicano e grafite⁵.

³Pode-se chamar de Arte mínima, Abc Arte, Literalismo, Arte reducionista, Estruturas primárias, Arte impessoal, Cool Art. O minimalismo se deu como a semente do *campo expandido* na arte e teve suas bases nos Construtivistas russos, do início do século XX. Sendo assim, os artistas minimalistas estabeleceram uma nova relação com os materiais e as formas. Também a cor, enquanto elemento expressivo, é desvalorizada, e isso é um dinamizador potencial da ação coletiva como prática criadora.

⁴Alfredo Volpi, como uma das referências, faz-se existente, embora não tenha sido propriamente um minimalista. Volpi não apenas encarava a pintura como cor e matéria, nem tampouco apenas como jogo óptico, realizado a partir de cores duras e formas fortes, sugeria o acionamento de uma dinâmica formal razoavelmente lógica e se recusava a aceitar influências ou filiações artísticas. A importância do artista na contextualização dos alunos talvez se dê pela simplicidade da instância de seus trabalhos, visto que, assim como nas tendências Minimalistas, não há para o próprio artista acepação outra de seu trabalho além de linha, forma e cor. Nestas tendências, a natureza é a luz e os problemas da pintura só se resolvem através da própria prática da pintura, a ausência de conteúdos verbais além da própria obra.

⁵Ressalta-se, ainda, que o trabalho com os “movimentos e períodos” não deve ser tomado a partir de uma leitura linear ou cronológica da História, e que o importante é destacar as permanências e mudanças dos elementos formais e de composição presentes em seus diversos períodos. (SEED, p. 88). Assim como os termos, cada tipo de produção em seu contexto reflete um tipo de preocupação estética do período. Entre os afrescos romanos e os

O segundo momento deste trabalho enfatizou o desenvolvimento de atividades de criação coletiva que contribuíssem para o estímulo estético dos alunos. A partir disso, foram desenvolvidos inúmeros exercícios de composição de formas geométricas através de recortes de cartolina americana. Esses estímulos visualizaram um outro pensar sobre a forma e a cor, pois problematizavam a relação comunicativa entre ambas⁶.



Alunos durante o processo de recorte e composição dos arranjos geométricos.

Após a conclusão dos projetos feitos na cartolina americana em escala A3, iniciou-se um processo de auto-avaliação dos trabalhos, buscando selecionar aqueles que melhor se adequassem à proposta sugerida, levando em conta o lugar específico onde a pintura seria realizada. Colocar em debate os trabalhos horizontalizou o poder de decisão, atribuindo a todos o poder de escolha, porém, em contrapartida, exigindo os conhecimentos mínimos necessários para julgar a proposta mais adequada ao espaço e à poética escolhida.

1467

Conclusão

O processo de elaboração e de criação deste trabalho coletivo fez com que os alunos lidassem com a falta de detalhes identificáveis em sua realidade narrativa, retirando-os de suas respectivas zonas de segurança criadora. Nesta experiência-aula, as expectativas de aprendizagens, em relação ao processo/resultado dos alunos, se concretizaram na apreensão dos elementos que estruturam e organizam as artes visuais e sua relação com a sociedade

renascentistas havia um hiato de significado. Neste conjunto, mostrou-se também que as linguagens e os estilos são absorvidos pelas tendências, como o caso do Grafite. Por fim, o objetivo último deste debate foi construir nos alunos esta perspectiva histórica dos eventos, dissolvendo a concepção evolutiva das criações artísticas.

⁶Ao acompanharem as produções dos alunos, os professores em suas intervenções procuraram repetir os mesmos questionamentos realizados na exposição anterior: a) a relação das formas com a temática minimalista; b) o papel da cor neste tipo de composição; c) o que é uma forma – especificamente a geométrica; d) a relação de cores contrastantes. Essa prática permitia que os alunos ficassem instigados em perceber as relações entre forma e cor, principalmente em relação às intensidades de luminosidade, retomando elementos que os mesmos traziam consigo desde o sexto ano, estudos de cores primárias, secundárias, cores quente-frias, intensidade luminosa.

contemporânea, assim como no reconhecimento de si mesmos como criadores e produtores de trabalhos em artes visuais, inseridos em um determinado tempo-espaço. Além disso, na compreensão da possibilidade de requalificar um ambiente através de intervenção artística coletiva. As turmas da primeira série do ensino médio construíram, de forma coletiva, uma composição pictórica que, ao mesmo tempo, colocou em evidencia o caráter socializador e participativo da ação criativa. A intenção não era revitalizar o muro, apesar de, anteriormente à conclusão do trabalho, o mesmo ser alvo de depredação coletiva, mas sim criar um espaço de possibilidade: a possibilidade de vivenciar outra percepção de si e do espaço. A falta de detalhes, que antes era motivo de preocupação no resultado do trabalho, mostrou-se a característica usada como argumento expositivo de resposta durante a apresentação para os demais alunos do colégio, quando questionados sobre o mural. Além do trabalho coletivo e de experiências-aula como esta, que proporcionam uma visualização concreta do trabalho e da pesquisa tanto dos alunos quanto dos professores, esta proposta materializou a experimentação e o aprendizado das semanas necessárias para a conclusão do trabalho em um espaço do cotidiano escolar.

1468

Referencial teórico

BONFAND, Alain. **Arte Abstrata**. Campinas, Papyrus, 1996.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T. e FUSARI, Maria F. de Rezende. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo, Cortez Editora, 2010.

NAVES, Rodrigo. **A forma difícil**. São Paulo Ática, 1996.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do. **Diretrizes Curriculares de Arte para a Educação Básica**. Departamento de Educação Básica. Curitiba, 2008.